



Notas sobre turismo indígena e educação Ambiental a partir de uma experiência etnográfica em andamento junto aos Mbya-Guarani em Domingos Petroline –RS

Daciene Oliveira¹
Gianpaolo Adomilli²
Mártin Cesar Tempass³

Resumo: O presente artigo objetiva apresentar uma reflexão sobre os saberes dos Mbya-Guarani em relação ao ambiente em que vivem e produzem conhecimento, buscando articulações entre esses conhecimentos, a educação ambiental e o turismo. Para isto, apresenta-se alguns dados levantados a partir de uma pesquisa etnográfica em andamento junto aos Mbya Guarani, que ocupam duas áreas na região de Domingos Petroline, distrito rural da cidade de Rio Grande /RS. Cercados por árvores, rios, terras férteis para plantio e animais silvestres, diferentemente das demais aldeias da etnia, em Domingos Petroline os Mbya Guarani desfrutam de um ambiente favorável para suas atividades tradicionais, para a sua produção e reprodução cultural.

Palavras-chave: Mbya Guarani. Educação ambiental. Turismo.

Notes on indigenous tourism and environmental education based on an ethnographic experience in progress with the Mbya-Guarani in Domingos Petroline -RS

Abstract: The present article aims to present a reflection on the knowledge of the Mbya-Guarani in relation to the environment in which they live and produce knowledge, seeking links between this knowledge, environmental education and tourism. For this, we present some data from an ethnographic research in progress with the Mbya Guarani, which occupy two areas in the region of Domingos Petroline, rural district of the city of Rio Grande / RS. Surrounded by trees, rivers, fertile land for planting and wild animals, unlike the other ethnic villages, in Domingos Petroline the Mbya Guarani enjoy a favorable environment for their traditional activities, for their production and cultural reproduction.

¹ Possui graduação em Ciências Biológicas Licenciatura pela Faculdade Anhanguera de Pelotas (2015), Graduação em Arqueologia Bacharelado - FURG (em andamento), membro do Núcleo de Estudos sobre Populações Costeiras e Saberes Tradicionais - NECO/FURG.

² Possui bacharelado em Ciências Sociais (2001) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mestrado (2003) e doutorado (2007) em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS. Atualmente é professor da Universidade Federal do Rio Grande –FURG. E-mail: giansatolep@gmail.com

³ Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais, Mestre em Antropologia Social, Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: potz_51@yahoo.com.br

Keywords: Mbya Guarani. Environmental education. Tourism.

Notas sobre turismo indígena y educación ambiental a partir de una experiencia etnográfica en marcha junto a los Mbya-Guaraní en Domingos Petroline -RS

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo presentar una reflexión sobre los saberes de los Mbya-Guaraní en relación al ambiente en que viven y producen conocimiento, buscando articulaciones entre esos conocimientos, la educación ambiental y el turismo. Para ello, se presentan algunos datos levantados a partir de una investigación etnográfica en marcha junto a los Mbya Guarani, que ocupan dos áreas en la región de Domingos Petroline, distrito rural de la ciudad de Rio Grande / RS. En los domingos Petroline los Mbya Guarani disfrutaban de un ambiente favorable para sus actividades tradicionales, para su producción y reproducción cultural.

Palabras clave: Mbya Guarani. Educación ambiental. Turismo.

1. Introdução

Ao pensarmos a Educação ambiental, uma das principais questões consiste no tema do diálogo de saberes, conforme nos ensina Enrique Leff (2015). Por sua vez, tal tema diz respeito à relação com aspectos e práticas educativo – pedagógicas decorrentes das relações entre natureza, cultura e sociedade (Adomilli, Tempass, Lopes, 2017).

Nesta perspectiva, propomos, portanto, refletir sobre a relação entre turismo indígena e educação ambiental enquanto diálogo de saberes, sobretudo considerando as relações entre as sociedades indígenas e a sociedade urbano-industrial, seus saberes e práticas ambientais.

Especificamente em relação aos ambientes indígenas, podemos considerar que estes são representados por sua riqueza de biodiversidade, onde a sustentabilidade remete a um equilíbrio ecológico articulado com as cosmologias das sociedades indígenas, envolvendo aí as condições de vida para além da dicotomia cultura-natureza, ou seja, nas relações entre humanos e não humanos.

Por sua vez, o turismo implica em um fluxo de bens valores, ideias diferentes, uma vez que essa dimensão revela uma experiência de contato através do qual ocorre um processo de intensificação do fluxo humano e material, ligando o global e o local, dessa forma impactando e transformando as visões acerca da natureza, das formas de experimentação dos lugares, assim como as diferentes formas de sociabilidade e de situações.

De acordo com Miranda (2003), a atividade turística pode se enquadrar entre modelos econômicos alternativos com baixa capacidade de geração de impactos negativos ao meio ambiente, necessitando, porém, ser trabalhada levando-se em consideração o

planejamento ordenado da atividade que considere a mitigação dos impactos negativos da atividade. Na teoria do turismo, as atividades voltadas para a visitação da natureza e o conhecimento das culturas locais são denominadas como turismo alternativo ou ecoturismo. Desta forma a educação ambiental deve ser estudada como um dos instrumentos para compreender a relação e a busca do interesse sobre estes temas, a partir do contato com a natureza. Considerando a educação como uma fonte de proteção, recuperação e melhoria socioambiental, propiciando um efeito multiplicador com potencial de repercussão na sociedade, a perspectiva de Miranda (2003) parece restringir a noção de turismo apenas a sociedade urbano-industrial, ao não considerar que a relação entre diversidade cultural e turismo implica diferentes olhares e práticas ambientais, sobretudo quando se refere a populações tradicionais. Uma possibilidade para avançarmos nessa questão, seria incorporar o tema do etnodesenvolvimento local, como defende Little (2002), no sentido de pensar formas que contemplem, por um lado, a proposta universalista do desenvolvimento econômico, neste caso o turismo, e, por outro, o reconhecimento da diversidade cultural, centrado nas reivindicações de grupos indígenas. Trata-se, portanto de contemplar essa articulação a partir da autonomia local e sua relação com as dinâmicas regionais e globais.

Fazendo um recorte do viés da educação ambiental, no contexto sobre a reflexão entre cultura, sociedade e ambiente, considerando o turismo indígena como uma forma para compreender esta relação, no qual os grupos indígenas apresentam suas estratégias de sobrevivência e continuidade de suas práticas culturais, através de suas vivências e sua matriz cosmológica. O turismo indígena, enquanto possibilidade de etnodesenvolvimento local, não apenas proporciona esta aproximação, mas também revela formas de aprimorar a capacidade das pessoas se educarem ambientalmente, elevando o nível moral do conhecimento no tempo e ambiente que se encontram. Nos tópicos a seguir apresentaremos a metodologia empregada na pesquisa e os dados levantados para então discutirmos as contribuições do turismo indígena para a educação ambiental, relacionado ao modo de vida dos Mbya-Guarani e suas relações ambientais e de territorialização em Domingos Petrolina.

2. Metodologia

O trabalho de campo no âmbito da pesquisa etnográfica é uma vivência, ou seja, mais que um puro ato científico, um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento (Brandão, 2007). Os caminhos desta investigação vêm sendo desenvolvido

através das aproximações com os Mbya-Guarani e do olhar sobre a questão do turismo na aldeia. Convém esclarecer que esta pesquisa iniciou em 2017, através de uma visita exploratória a ocupação dos Mbya -Guarani em DP, organizada pelo NECO – núcleo de Estudos sobre populações Costeiras e saberes Tradicionais. A partir daí, os autores deste artigo realizaram inúmeras outras visitas ao local. A pesquisa se encontra em andamento, sendo que a última incursão relata brevemente o passeio.

Na busca pelo o que se descobrir na condição de pesquisadores, a metodologia em questão está atrelada ao caminho percorrido durante o percurso, um passeio para o conhecimento que possibilitou muitas reflexões. O trabalho de campo apesar de seguir uma pauta a ser analisada, possui suas subjetividades, que se relacionam com as relações interpessoais que também configuram o método de trabalho (Brandão,2007).

Através do estudo etnográfico e a observação participante, ou pesquisa participante, está presente o envolvimento pessoal do pesquisador com o seu campo de pesquisa e a relação com as pessoas que fazem parte deste meio. Assim este contato com a aldeia indígena Mbya Guarani e o evento turístico, despertou o desejo de pesquisar sobre este assunto, e juntamente observar as relações humanas no contexto ambiental em questão, no que possibilita o pensar sobre a educação ambiental neste ambiente.

A observação participante nos permitiu uma abertura para situações voltadas ao compreender, sentir, viver esta experiência na aldeia, e assim perceber as ideologias e as práticas dos Mbya-Guarani com o turismo, nos deparando com as consciências coletivas e a passagem de seus conhecimentos.

Como técnicas do método etnográfico foram utilizadas o diário de campo ou etnográfico, como meio de registro de dados, as fotografias, como forma de registro e de interação metodológica, enquanto parte das observações de campo. A participação direta nas atividades possibilitou observar e registrar como percebíamos esta vivência e como estavam ocorrendo trocas entre estas percepções de “pesquisadores e pesquisados”. Buscando exercitar o olhar e o ouvir atento, sem julgar ou desejar que fossem diferentes, buscando a compreensão daquilo que se apresentava e ouvindo diferentes pontos de vista como uma escuta de abertura e acolhimento. De acordo com (Silva, 2009), a influência mútua estabelecida na interação entre o etnógrafo e o grupo estudado incide não só sobre a condição atual das pessoas, mas sobre a sua identidade e desenvolvimento.

Em campo observamos as atividades oferecidas, percorremos juntamente com os demais turistas, uma trilha pela mata, comemos das refeições oferecidas, entre outras atividades. Imersos nesta cultura distinta, testando este estranhamento e incluindo estas

novidades, conhecendo algo que não é do cotidiano convencional, buscamos seguir o fluxo das experiências, descobrindo o novo através do que seria revelado.

3. Turismo indígena nas aldeias Mbya Guarani

O trabalho na comunidade indígena Mbya-Guarani desenvolveu-se sobre a perspectiva do turismo e suas relações com a educação ambiental, as percepções dos indígenas e dos visitantes, as análises sobre os dois pontos, os indígenas como agentes de transmissão dos conhecimentos e os turistas como agentes receptores, e também sobre as trocas entre estes grupos, como econômicas e culturais. A partir do que foi vivenciado, segue um relato dos objetivos e realização das etapas de um evento turístico organizado pelos Mbya-Guarani. Toda a organização do evento turístico foi elaborada pelos próprios Mbya-Guarani. O objetivo dos eventos foi arrecadar doações, vendas de artesanatos, além da cobrança de uma quantia em dinheiro para o acompanhamento dos turistas nas trilhas com explicações sobre manejos de armadilhas, uso de plantas, das árvores utilizadas para construção de casas e instrumentos como arcos flecha. Houve também uma preocupação por parte dos Mbya-Guarani, em através de contos e conversas, transmitir alguns conhecimentos que são importantes para a preservação da sua cultura e, conseqüentemente, do meio ambiente. A integração com turistas (*juruá* - como são chamados os homens "brancos") é importante para a obtenção de recursos para o sustento das comunidades, principalmente para a aquisição de alimentos no comércio. Como são aldeias novas, a horticultura tradicional da etnia, baseada no sistema de coivara, ainda não está produzindo frutos suficientes para o sustento do grupo, fazendo com que os Mbya-Guarani tenham que recorrer aos armazéns das redondezas.

Os aspectos sagrados da cultura não são expostos nestes eventos, eles são transmitidos unicamente a seus membros em rituais privados.

O evento turístico foi organizado para atender um pequeno grupo, de no máximo de 40 pessoas. Este cuidado foi aplicado como estratégia para evitar impactos ambientais, como o acúmulo de lixo e a destruição do ambiente no entorno das trilhas caso houvesse um número elevado de pessoas. Outro cuidado foi quanto ao tempo do evento que durou cerca de 8 horas, sendo este tempo dividido em diferentes atividades. Também identificamos uma preocupação quanto ao intervalo entre um evento e outro, sendo que sua ocorrência foi estipulada para aproximadamente 3 vezes ao ano. Estes aspectos configuram algumas das preocupações com o manejo e a preservação do meio ambiente, incluindo aí as relações interpessoais envolvidas, mantendo, portanto, na concepção Mbya-Guarani, um

distanciamento saudável para a preservação cultural e reorganização social após cada evento.

Outra preocupação foi manter em segredo (como forma de proteção) alguns itens culturais, sendo apresentadas em seus lugares apenas réplicas de armadilhas, construções, ferramentas e plantios. Alguns apresentaram as suas confecções ligeiramente modificadas, estas voltadas para fins didáticos ou para atender o imaginário dos turistas (como o uso de cores chamativas nos cocares e cestarias). Para os turistas são oferecidos artesanatos, comidas típicas, jogos, danças, cantos e histórias, juntamente com uma trilha e algumas piadas. Os Mbya-Guarani acreditam que o turismo pode ajudar na valorização e respeito da sua condição de indígena.

Primeiramente, ao chegarmos na aldeia, fomos recebidos com um acolhedor café, onde foram servidos alguns alimentos típicos como *xipá* (bolo frito), *aróca* (suco de mel), *mandió bity* (mandioca assada), *jety bity* (batata doce assada).

Figura 1: *Xipá* com mel



Fonte: Produzido pela autora. 01jul.18

Logo após partimos para uma apresentação de dança e canto das crianças acompanhadas por instrumentos musicais tradicionais. A cada dança e canto foi feita uma explicação sobre a música que seria cantada. A primeira canção foi agradecendo por um novo dia, pela vida, pelos animais e pela saúde dos guarani. A segunda foi para pedir proteção e para que coisas boas aconteçam. E a terceira foi saudando e agradecendo pela visita dos turistas. Estas são atitudes que representam a reciprocidade entre os diversos seres do cosmos, pois o canto é uma forma de troca com as divindades. Para toda e qualquer ação realizada é necessário que haja uma comunicação com os deuses. Os caminhos dos Mbya Guarani são traçados a partir deste encontro do homem com os deuses. Assim estabelecem a reciprocidade.

Figura 2: Apresentação canto e dança



Fonte: Produzido pela autora. 01jul.18

Na próxima atividade foram oferecidos aos turistas artesanatos para compra, Em seguida o grupo saiu para colher nozes, atividade bem interessante de atuação e participação dos visitantes. As nozes puderam ser consumidas naturalmente. Todas as atividades eram seguidas de explicações dos Mbya-Guarani. Foi organizada uma brincadeira de arco-flecha, para os turistas praticarem um pouco e se sentirem familiarizados com algo típico da cultura. Depois das danças, coletas e brincadeiras, chegou a hora do almoço, quando foi servida comida típica.

Um dos momentos mais intensos do evento foi um passeio por uma trilha, pela vegetação que cerca a área das casas da aldeia. Na trilha não faltaram explicações sobre ervas, árvores, armadilhas e animais. E nas explicações sempre foram feitas relações com a natureza e o meio ambiente, com a importância de cada elemento para as suas vidas e para a preservação de sua cultura. Na trilha, quando se tratava das armadilhas e os assuntos relacionados à caça de animais, sempre foi frisado, que a caça, a coleta e qualquer uso de recursos naturais são estritamente controlados e executados somente para satisfazer as necessidades do grupo. Não se retira da natureza mais do que eles realmente precisam. Os turistas ouviam atentamente, interagiam com perguntas, e mostravam-se emocionados e maravilhados sobre o ponto de vista Mbya Guarani e suas relações com o ambiente em que vivem. Com esta oportunidade de conhecer e entender sobre a natureza, de forma holística, busca-se que os seres humanos, através da interação, possam perceber-se como parte da natureza, senti-la e aprecia-la.

Figura 3: Trilha



Fonte: Produzido pela autora. 01jul.18

Por fim, ao final da tarde todos se organizaram em volta a uma fogueira, e ali foram reveladas algumas histórias sobre o modo de vida guarani, o Ñandé Rekó.

4. Resultados e discussões

Com a vivência na aldeia e a atividade turística, foi possível perceber fatores importantes que revelam os processos de formação da cultura e relação com o meio ambiente, que podem ser compartilhados com os visitantes e turistas, levando a provocação de reflexões e possibilitando novos olhares, novas percepções. Estes acontecimentos atentam para uma constituição de pensamento, da relação dos seres humanos com o meio ambiente, colocando os homens como parte da natureza.

Os indígenas consideram a natureza como fonte de suas vidas, e assim a preservação é fundamental para manter a vida saudável. Os povos indígenas são definidos como “povos que desempenham um papel fundamental na gestão e no desenvolvimento do meio ambiente, em função de seus conhecimentos e práticas tradicionais” (CNUMAD,1992). Segundo a ONU as comunidades, os povos e as nações indígenas são aquelas que,

[...]consideram a si mesmos distintos de outros setores da sociedade e estão dedicados a conservar, a desenvolver a transmitir as gerações futuras seus territórios ancestrais e sua identidade étnica, como base de sua existência continuada como povos, em conformidades com seus próprios padrões culturais, as instituições sociais e os sistemas jurídicos (Fórum Permanente das Nações Unidas sobre Questões Indígenas, 2009).

Com o Ñhandé Rekó, modo de ser guarani, os ensinamentos são transmitidos para manter o modo de ser Mbya-Guarani, é importante o contato com os elementos naturais,

como a mata, as plantas, os animais, a água e a terra, em sua relação com os aspectos culturais e necessidades humanas, mas também em uma visão de conexão espiritual e de integração com outros seres da natureza e da sobrenatureza. Na observação de campo foi possível perceber este sentimento, pelo caminho da trilha sempre foi destacado esse cuidado e respeito pelas plantas e árvores. Ao guiar a trilha, Valdecir (*Xunu*), citou, “ A árvore é feliz, não tem nada de doença. (Palmeira, *pindó*), a árvore nos dá alimento, sombra, usamos para fazer o telhado de nossas casas”.

Figura 4: Palmeira, *Pindó*



Fonte: Produzido pela autora. 01jul.18

O cuidado com o meio ambiente e a degradação ambiental e cultural refletem a visão de que o ambiente e a cultura não estão separados e sim interligados, mantendo uma relação dos hábitos e os saberes, com a natureza, considerando os seres humanos, os animais, as plantas, o sol e a água como um todo.

Considerando este modo ser Mbyá-Guarani e as percepções com o meio ambiente passadas durante o passeio turístico, observou-se que as conexões estabelecidas com a natureza, fazem uma relação com a saúde e com o bom alimento, preservando a qualidade de vida dos Mbya-Guarani. Para eles terem uma boa saúde é preciso comer um bom alimento, e para ter um bom alimento é necessário preservar o meio ambiente, a natureza, tudo faz parte de um mesmo ciclo que se sustenta nestas ligações. Assim, a busca pela Terra Sem Mal é uma constante na cosmologia destes grupos. A Terra Sem Mal é o encontro de um lugar onde exista abundância, que seja indestrutível, onde os frutos crescem sozinhos e a flecha alcança a caça sem esforço (H. Clastres, 1978). Na Terra Sem Mal não existem espinheiros, pragas, cobras, e outras feras (Schaden,1962). Segundo (Tempass, 2005), a única coisa que eles precisam para se alimentar de maneira tradicional é “terra boa” (*yvy porã*). Além disso, tendo “terra boa” eles mantem o seu modo de vida (*ñandé rekó*). Sem “terra” boa eles sentem o seu sistema ameaçado.

A percepção Mbya-Guarani sobre a educação ambiental, está integrada junto aos outros elementos culturais, para eles o que chamamos de educação é simplesmente a prática de seus valores, as aprendizagens e a internalização das ações humanas no meio ambiente. A conservação da aldeia e das áreas próximas de mata, a água e os animais, são fundamentais para manter o equilíbrio da natureza. Fazendo uma aproximação da vivência do turismo na aldeia e as relações com o meio ambiente, o modo de aprendizagem Mbya-Guarani proporciona uma compreensão sobre a importância da preservação ambiental e aproxima as pessoas desta realidade. Durante o passeio, foram apresentadas reflexões sobre esta importância, revelando sempre a necessidade da ligação do homem com a natureza.

Figura 5: Foto da autora, e pequeno indígena com a caturrita.



Fonte: Produzido pela autora. 01jul.18.

Para Guattari(1990), os métodos de busca devem ser participativos, proporcionando o envolvimento das pessoas, dinâmicas de grupo, vivências, levando a sensibilização e o contato profundo de cada indivíduo consigo mesmo, com os outros e com a natureza. Esta troca de saberes proporcionada pelo desenvolvimento turístico indígena, possibilita novas reflexões e visões sobre o atuar da educação ambiental, e formas de perceber como a relação do homem com o meio são importantes para a construção do pensamento crítico, emancipatório e transformador, buscando uma educação ambiental que compreenda que as experiências em diferentes lugares, considerando os saberes locais pode ser observada a partir destes contextos. Sato (2005, p.41) diz que “a educação ambiental inscrita no biorregionalismo reforça que a experiência social é variada e múltipla, e para além do veredicto das alternativas que possibilitem o não desperdício das vivências locais”.

Pode-se considerar que o turismo indígena segue preceitos do turismo sustentável, sendo eles, fazer uso de recursos sustentáveis, manter a biodiversidade e envolver a

comunidade local. Estes são conceitos de sustentabilidade. O turismo indígena pode ser classificado como ecoturismo,

É o turismo que consiste em viajar para áreas naturais não degradadas ou não poluídas, com o objetivo específico de estudos, admirar, e fruir a paisagem e suas plantas animais, tanto quanto manifestações culturais (do passado e do presente) encontradas nessas áreas (Ceballos-Lascurain,1987).

Turismo cultural também é outra forma de classificação para o turismo indígena, sendo o objetivo dos visitantes conhecer costumes de determinadas regiões ou povos, como danças, folclore, gastronomia, etc. Considerando a etnia como forma de classificação temos como denominação para o turismo indígena o etnoturismo, buscando as especificidades socioculturais, como língua, religião, maneiras de agir.

Para (Bahl, 2009) etnoturismo está,

Vinculado ao turismo cultural, pois utiliza elementos sociais oriundos de um contexto espacial e do cotidiano de uma comunidade como atrativos turísticos expressos por meio de uma base cultural.

De acordo com a proposta na qual o turismo indígena é realizado, esta dinâmica propõe uma forma não convencional, podendo observar manifestações culturais, e formas alternativas de perceber o meio ambiente, entre elas o respeito pela natureza, e a forma não desenfreada de exploração. Mais do que isto, essas iniciativas parecem inverter a ordem do turismo convencional, no sentido que fortalecer a autonomia local ao mesmo tempo em que a integra com alguns mercados, conforme a premissa de um “etnodesenvolvimento” a partir de sua configuração local.

Foram destacadas durante a vivência as concepções e a forma de perceber a natureza. De acordo com Carvalho(2014), as epistemologias ecológicas se apresentam como novos horizontes de compreensão que visam superar as dualidades modernas, tais como natureza e cultura, mente e corpo e conhecimento e experiência. A compreensão sobre as diferenças culturais é essencial para refletir sobre as formas diferentes de se viver, construindo novos paradigmas que possam transformar as sociedades. O contato com povos diferentes, como os indígenas, com seus hábitos e costumes divergentes dos ditos globalizados, modernos, propõe estes encontro de saberes.

Tratando-se dos envolvidos neste trabalho de turismo, como produto turístico a cultura indígena e sua maneira de viver, e visitantes – turistas, que são agentes desta relação, devemos considerar que estes intercruzamentos não devem ocorrer de forma

degenerativa ou prejudicial para as comunidades, e para o meio ambiente ao qual será empregado, existindo o respeito pelas culturas tradicionais envolvidas, lançando um olhar não sobre apenas ser um atrativo, mas reconhecendo como tradição. Um dos aspectos fundamentais para a realização do turismo étnico está relacionado a valorizar a identidade cultural, que também pode ser trabalhada como atrativo ou mesmo o próprio motivo de visitação do lugar (Bahl,2009).

Não se trata aqui de apenas reconhecer a diversidade cultural e levar em conta o ponto de vista do ´outro` humano, mas de considerar o ponto de vista das coisas e dos organismos não humanos que habitam o mundo (Steil e Carvalho,2014, p. 326).

Segundo (Dias, 2005), o desenvolvimento sustentável do turismo está baseado em um equilíbrio harmônico entre três dimensões: a econômica, a sociocultural e a ambiental. Neste sentido é necessário que haja precaução quanto as atividades turísticas, para que impactos negativos sejam minimizados. Estes e outros fatores são preocupações evidentes pelo ponto de vista das comunidades Mbya-Guarani, buscando o equilíbrio do trabalho turístico, juntamente com os impactos que podem causar na sua cultura e também para o meio ambiente. Este pensamento entrelaça-se com o pensar sobre os conceitos de sustentabilidade, ou até mesmo turismo sustentável, o qual por definição de desenvolvimento sustentável é o ato de ´´satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações satisfazerem as suas necessidades´´ de acordo com a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD,1992).Conforme foi definido pelo World Tourism Organization (WTO, 2004), turismo sustentável é: ´´o turismo que contribui para a gestão de todos os recursos de tal forma que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas, mantendo a integridade cultural, os processos ecológicos essenciais, a diversidade biológica e os sistemas de suporte da vida´´.

O turismo nas comunidades indígenas também revela reflexões quanto ao desenvolvimento sustentável, pois a forma como é planejado nas aldeias representa estes conceitos. Para a realização do turismo nas aldeias Mbya-Guarani é levado em consideração o tempo, o espaço e o número de pessoas que irão participar. Mesmo tendo em vista o retorno financeiro, econômico, estes não podem se tornar mais importantes que o meio ambiente em questão e sua cultura. Como já citado anteriormente estes são os principais elementos que configuram as suas cosmologias e as conexões com o mundo divino.

5. Considerações finais

A vivência na aldeia através do turismo indígena proporcionou, reflexões sobre o pensamento das relações humanas com a vida, as formas de se envolver com os outros, e com o meio ambiente em que se vive, abrindo caminhos para novas perspectivas pessoais a cada um dos envolvidos. As contribuições para a educação ambiental tendem a percepção do encontro do homem com a natureza e a compreensão de si mesmo como parte do meio ambiente em que está inserido, percebendo-se como agente causador dos impactos bons e ruins causados por suas atitudes.

Observou-se que nas comunidades indígenas Mbya-Guarani, ambiente, cultura e educação ambiental são inseparáveis, compreende um mesmo espaço, o ser humano como parte da natureza e da sobrenatureza. Conforme (Tempass, 2010), homens, deuses, plantas, e animais vivem juntos no mundo Mbya-Guarani, um dependendo do outro para existir. Durante as observações, foi possível constatar as teias dos Mbya Guarani com a natureza, com os seres humanos e não humanos. A relação de sustentabilidade conservada pelos indígenas é necessária para manter os seus sistemas de forma equilibrada.

O repensar ecológico para as sociedades não indígenas, é um sinal para estarmos atentos a estas realidades, assim colaborando para uma nova produção das sociedades, ao buscar compreender estas experiências, podemos perceber as nossas limitações causadas pela modernidade.

Assim o que se pode refletir é sobre a importância e a valorização dos saberes tradicionais, com o propósito de aprendizagens e cuidados ambientais, no contato com saberes ambientais e com uma história ambiental indígena e tradicional sobre usos, costumes, tradições e tecnologias.

Bibliografias

ADOMILLI, Gianpaolo, TEMPASS, Martín, LOPES, Raizza, Notas teórico-metodológicas sobre a pesquisa etnográfica na área de educação ambiental.

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v 34 n. 3 p.226-244.

Rio Grande, set/dez2017. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/7282> Acesso em: 10 jul. 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues: **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. Sociedade e cultura**. 2007.

BAHL, Miguel. **Dimensão cultural do turismo étnico**. In PANOSSONETTO, Alexandre; ANSARAH, Marilial. Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas. Barueri, SP: Manoele,2009.

CLASTRES, Helene. **Terra sem mal: o profetismo tupi-guarani**. São Paulo: Editora Brasiliense.1978.

CEBALLOS-LASCURAIN, Hector. **Estúdio de Prefactilidade socioeconômica del turismo ecológico y anteproyecto arquitetônico y urbanístico dl centro de turismo ecológico de sian Kaán**. México. Quintana Rôo,1987. In PELEGRINI,Américo. Dicionário Enciclopédico de Ecologia e Turismo. São Paulo: Roca,2000.

CNUMAD. **Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, 1992.

DIAS, Genebaldo Freire. **40 Contribuições para a sustentabilidade**. Editora Gaia. São Paulo .2005.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, OS: Papirus,1990.

LEFF, Enrique, **Saber Ambiental**. Editora: Vozes. Petropolis RJ, 2005.

LITTLE, Paul, **Etnodesenvolvimento local: autonomia cultural na era do neoliberalismo global**. Tellus. Campo Grande,MS, 2002.

MIRANDA, Humberto Augusto Cardoso. **Sistemas de planejamento e gestão do Ecoturismo em Roraima**. Dissertação de Mestrado.2004.

ONU, **Fórum Permanente das Nações Unidas sobre Questões Indígenas**, 2009.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura guarani**. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1962.

SILVA ,Gilberto.Ferreira. **Proposições para o diálogo intercultural: movimentos necessários** . Porto Alegre: EDIPUCRS , 2009.

STEIN, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Epistemologias Ecológicas: delimitando um conceito**. Mana , Rio de Janeiro ,2014.

TEMPASS, Martin.Cesar . **Orerémbiú: a relação das praticas alimentares e seus significados com a indentidade étnica e a cosmologia Mbyá – Guarani**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Porto Alegre, 2005.

TEMPASS, Martin.Cesar. **Quanto mais doce, melhor: Um estudo antropológico das práticas alimentares a doce sociedade Mbya – Guarani** . Dissertação (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Porto Alegre, 2010.

WTO, World Tourism Organization. **Sustainable Tourism Development Guide for Local Planners** .WTO, Madrid, Spain, 2004.

Submetido em: 23-09-2018.

Publicado em: 15-04-2019.